



A enfermagem e as relações humanas

Maria Valéria Gorayeb de Carvalho*

A relação do cuidado exige do profissional de enfermagem empenho e paciência, porquanto o cuidador e a pessoa cuidada devem estabelecer uma relação de mútua confiança e empenho para o êxito do tratamento. Nesta perspectiva, requer-se o conhecimento das variáveis que influenciam no tratamento, com vistas a facilitar o dimensionamento da prática do cuidado de enfermagem para cada necessidade.

Para isso, a interação entre a pessoa que cuida e o ser cuidado deve ocorrer de forma efetiva no intuito de possibilitar a adesão ao tratamento. O enfermeiro deve, portanto, considerar que o cuidado por ele dispensado ao paciente não é uma imposição de conhecimentos, mas sim uma troca de saberes.

No contexto das necessidades em saúde, o cuidar deve ter como princípio básico assistir ao paciente e à família e auxiliá-los no desenvolvimento de habilidades e atitudes que proporcionem um autocuidado efetivo em relação a sua saúde. Tal tipo de cuidado envolve, além do paciente, a equipe de cuidados, a família e a própria comunidade na qual ele está inserido, incluindo ações que ultrapassam o tratamento de doenças, como a promoção, prevenção e reabilitação em saúde.

A filosofia do cuidado às pessoas, no contexto das ações de saúde, valoriza a utilização da autonomia do usuário e o auxílio da família no processo de cuidar. Como parte deste processo, além de atendimentos individuais e em grupos de vulneráveis, no qual estes são orientados quanto às medidas de controle das doenças, há ainda a participação de outros protagonistas do cuidado, a exemplo da equipe multiprofissional. Esses protagonistas estão aptos a esclarecer dúvidas e trazer incentivo à continuidade do tratamento, tanto ao indivíduo como à família, sendo esta colaboradora do processo.

Nesta conjuntura, a autonomia do profissional enfermeiro no processo de cuidar torna-se cada vez mais importante, uma vez que proporciona a possibilidade de rever a enfermagem, enquanto profissão, a partir de sua própria tradição histórica, bem como articulando-a com outras áreas científicas, em um exercício moderno de interdisciplinaridade. Essa autonomia pressupõe que o profissional enfermeiro e a equipe de enfermagem possam interferir no método de definição das prioridades na assistência. Desse modo, a autonomia está embasada na direção da vontade do indivíduo para a ação, a partir de influências sociais e culturais, como defende o sociólogo Edgard Morin.

Entretanto, para a enfermagem poder atuar eficientemente, é preciso ampliar sua prática com fulcro no método científico. Por conseguinte, a investigação científica deve ser conduzida pela teoria, que orienta a prática de enfermagem, delineando, elucidando ou antevendo fenômenos. Para a prática do cuidado da enfermagem, é necessário fazer um planejamento e elencar objetivos a serem desempenhados. Isso se constata por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e da utilização de referenciais teóricos, os quais buscam dar fundamentação e evidencia científica ao cuidado prestado.

Para tanto, algumas teorias são seguidas, sempre analisando o ser humano como um ser único e possuidor de livre arbítrio. É ele quem conduz a si mesmo e tem a liberdade em suas deliberações. O enfermeiro aparece como mediador e facilitador no processo de recuperação ou conservação de sua terapêutica.

Embora ainda sendo implementada no Brasil, a Sistematização da Assistência de Enfermagem traz em seu escopo as disposições atuais de valorização da pessoa humana como agente da sua saúde e responsável por ela, enfim, o respeito incondicional ao homem como ser humano e à sua existência, conforme defende a estudiosa Maria de Fátima Sousa.



“O enfermeiro deve (...) considerar que o cuidado por ele dispensado ao paciente não é uma imposição de conhecimentos, mas sim uma troca de saberes e de confiança”.

Considerando a enfermagem como ciência humana cujo foco central é o ser humano. Segundo a pesquisadora Rosemarie Rizzo Parse, “a essência da enfermagem é o relacionamento enfermeiro-pessoa, e sua meta principal é a qualidade de vida sob a perspectiva da pessoa”. Aplicando essas teorias, o enfermeiro deve respeitar a visão de qualidade de vida de cada um, que difere de uma pessoa para o outra.

Os princípios descritos pelas teorias de enfermagem fazem alusão ao protagonismo do sujeito em seu processo de tratamento, o qual deve ser aguilhoado pelo profissional que o atende. Inicialmente, o indivíduo é responsável pela constituição e opção dos seus significados, utilizando-os na sua tecnologia de saúde. Cada indivíduo reage e interage com os estímulos externos de contorno díspar. Segundo Parse, as transformações e a valorização de novas probabilidades são impulsionadas, levando-se em consideração a individualidade da pessoa, suas relações com os outros e com o meio.

Na prática, essas teorias já apresentam resultados. Estudo realizado durante entrevista com um paciente em pré-operatório em um hospital em Tóquio, Japão, destaca que a enfermeira, utilizando-se de uma prática sistematizada na condução do cuidado, obteve resultados bastante positivos, ao passo que o paciente, ao relatar seus signifi-



(Foto:Divulgação)

cados e sentimentos quanto ao procedimento cirúrgico ao qual iria se submeter, pôde experienciar o protagonismo do seu próprio cuidado. Assim, de acordo com os estudos da pesquisadora Luiza Hiromi Tanaka, o agir da enfermeira passou de um simples cumprimento de um protocolo para um cuidar particularizado e humanizado, além de possibilitar ao paciente a participação efetiva nas decisões quanto à sua saúde, proporcionando-lhe rebote de sua motivação e qualidade de vida.

Conforme discutido acima, o conteúdo das teorias de enfermagem mostra-se condizente com o contexto do cuidado prestado pelo enfermeiro, seja no ambiente hospitalar ou nas ações básicas de saúde, pois tanto a estratégia como os princípios da teoria abalizam para a procura da valorização do indivíduo e sua inclusão como agente promotor da própria saúde. Assim, diante do contexto das responsabilidades do enfermeiro no tocante ao cuidado, a possibilidade

de utilizar teorias de enfermagem na prática assistencial como ferramenta de empoderamento para a prática profissional, ainda é questionada. Deste modo, é imperativa a necessidade de investimentos em estudos voltados para a investigação das práticas cuidativas dos profissionais enfermeiros que prestam cuidados, buscando identificar os princípios propostos à luz das teorias, considerando que os conceitos teorizados são condizentes com a atuação desses profissionais.

Ademais, discussões como estas servem como incentivo a mudanças na prática dos enfermeiros, os quais poderiam rever a questão do acolhimento como ferramenta de influência mútua e criação de vínculo, com vista a um cuidar mais individualizado. O incentivo à autonomia poderia ser feito de forma mais eficiente ao trabalhar a educação em saúde e grupos de apoio aos pacientes e usuários do sistema, nos quais haveria momentos de câmbios de conhecimentos entre os que vivenciam o mesmo adoecimento, atuando o enfermeiro como facilitador deste processo, ao esclarecer dúvidas e incentivá-los a seguir o tratamento. Estas mudanças não são fáceis, sobretudo em decorrência de limitações estruturais do sistema de saúde, mas, se implementadas, podem ter uma resposta positiva, porquanto a demanda poderá se tornar menor tanto na porta preferencial de entrada do sistema, a atenção básica, como nos serviços especializados, já que é possível acastelar complicações.

Para finalizar, destacamos o paradigma mecanicista, que organiza a assistência em saúde, excluindo a possibilidade de perceber o ser humano como um agente complexo, integrado em um meio sociocultural. A hegemonia deste paradigma, atualmente, está sendo questionada em várias instâncias, inclusive nas tecnologias mais duras da assistência. Tal questionamento está propiciando a inovação, a reconstrução, a reorganização dos processos de trabalho em saúde. Dessa forma, a sistematização da assistência de enfermagem amplia as perspectivas dos profissionais, principalmente através do trabalho interdisciplinar, no qual se disponibiliza o agir comunicativo e, conseqüentemente, o exercício da liberdade, em favor de uma assistência adequada e ética ao ser em cuidado. ■

* Enfermeira com mestrado em Avaliação em serviços de Saúde pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (Fundação Oswaldo Cruz); coordenadora do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Asces